



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a reunião de apresentação das medidas tributárias de apoio ao Programa Nacional do Livro e Leitura

Palácio do Planalto, 10 de novembro de 2004

Eu não fiz nenhum discurso hoje, ainda. E prometo não fazer.

Vocês estão me vendo folhear este livro, aqui. Este livro vai ser lançado no dia 11, na Biblioteca Nacional, é isso? “Os Cem Brasileiros”. A Secretaria de Comunicação do Governo, junto com a Biblioteca Nacional, resolveu, dentro daquela campanha “O melhor do Brasil é o brasileiro”, selecionar 100 personalidades, das mais diferentes áreas, e publicar um livro com a biografia dessas pessoas.

Depois da publicação do livro vocês vão ver essas personalidades numa escala de massa jamais vista na história deste país, porque a cara deles estará em contracheques, na capa de cheques, na conta de telefone, na conta d’água, ou seja, onde tiver um contra-recibo a cara dessas 100 personalidades vai circular, para que as pessoas possam conhecê-las um pouco. Obviamente que sempre falta, escolhe-se 100, poderíamos ter mais 100. Mas, com o critério de se fazer uma seleção, sempre vão ficar alguns de fora. Mas eu penso que a Biblioteca Nacional deu uma contribuição extraordinária para ajudar a escolher as pessoas, e será publicado no dia 11.

Quero dizer para vocês que dos grandes desafios que nós temos, o mais fácil foi fazer a isenção de vários tributos que recaíam sobre as editoras brasileiras. Eu penso que, agora, nós temos um outro desafio: ter uma campanha muito grande, no Brasil, uma campanha como se estivéssemos vendendo o produto mais excepcional do mundo, para despertar nas pessoas o desejo e, depois do desejo, o hábito da leitura.



E obviamente que o preço é um bom incentivo. Não vamos negar que, quanto mais barato for o livro, mais chances as pessoas terão de comprá-lo. Agora, ao mesmo tempo, é preciso uma campanha.

Outro dia, eu fui à Feira do Livro, em São Paulo, e ousei fazer uma brincadeira, dizendo que fazer uma pessoa ter gosto pela leitura é como, na nossa vida cotidiana – e quem é casado sabe do que estou falando – fazer um filho comer uma coisa que ele diz que não gosta, sem nunca ter experimentado. Você tem que teimar, você tem que fazer chegar à boca dele, para que ele comece a perceber: “Espera aí, eu gosto. Porque que eu falei que não gostava?”

A juventude brasileira – até pelo espírito guerreiro dos nossos jovens, pela força e energia que eles têm – muitas vezes prefere fazer qualquer coisa, prefere viajar na Internet, aqueles que têm acesso à Internet, do que se deparar diante de um livro e ler.

Então, é preciso uma campanha publicitária, uma campanha que envolva todos vocês, o governo, empresas da iniciativa privada e os meios de comunicação que, certamente, irão colaborar para que isso aconteça, para que a gente desperte nas pessoas o interesse pela leitura.

Se nós conseguirmos fazer isso, eu penso que estaremos dando um passo. Eu vi na MTV, esses dias, eu não sei se foi anteontem, uma propaganda interessante em que eles aparecem pedindo para a pessoa: “Levanta do sofá e pega um livro para ler. Sai de frente da televisão, pô!”. É uma coisa interessante. E eu acho que nós vamos ter muita adesão numa campanha como essa.

Portanto, precisamos fazer com que na escola – viu, Tarso? – a nossa meninada pegue um livro e leia a primeira página, para ter vontade de ler a segunda, e que leia a segunda, para ter vontade de ler a terceira. Ela vai pegando o gosto. E aí a gente vai perceber que tudo que parecia impossível e difícil fica fácil quando há uma ação coordenada ou uma ação diversificada,



com tantos setores da sociedade interessados em que as pessoas brasileiras tenham acesso à leitura.

O governo pode fazer as suas bibliotecas, o governo pode fazer os Pontos de Leitura, o governo pode baixar os impostos, mas o governo não tem como obrigar as pessoas a lerem. Até tentamos fazer isso com a produção de livros pelo MEC, que são milhões e milhões, e que nós não sabemos se chegam a ser lidos pelas pessoas que deveriam ler. Então, é mais do isso; a parte legal, institucional está feita.

Agora, tem uma outra parte que é dizer o seguinte: olhe, vamos agora fazer do livro uma coisa muito popular, o preço é uma delas. Eu comparo sempre com o seguinte: ao convocar uma assembléia, você tem o sindicato, o microfone, a diretoria; é preciso o desafio de fazer com que as pessoas compareçam à assembléia para ouvir todo esse aparato institucional que tem.

O nosso desafio, agora, é despertar nas pessoas a idéia de que elas serão mais inteligentes e mais produtivas se elas se interessarem em ler alguma coisa do seu interesse. Então, eu penso que a parte legal, o Senado fez; a Câmara pode fazer, com essa mudança do Projeto que está lá; o Palocci, com essa generosidade que tem tomado conta dele no final do ano de 2004, fez a sua parte; o Galeno e o Gil estão fazendo a sua parte; o Tarso vai fazer a dele.

Agora, tem a parte de todos nós. Tem a parte de quem vende, de quem produz, de quem compra, de quem acredita que isso pode mudar um pouco a história do Brasil.

E podem ficar certos de que nós, através dos ministérios correspondentes ou da Secom, com alguma influência que o governo puder ter junto a alguns segmentos da comunicação – aliás, a TV Senado pode fazer uma propagandazinha, a TV Câmara faz outra, a TV Educativa, do governo, faz outra – de repente, a gente percebe que tem um potencial maior do que imaginava. Ao invés de ficar apenas chorando e lamentando, a gente vai para a



ação e vai conseguir transformar este país num país campeão de leitores na América do Sul e, quem sabe, batendo até alguns países mais desenvolvidos que nós.

Meus parabéns a vocês pela pauta e pela reivindicação. Meus parabéns ao Galeno pelo trabalho e meus parabéns ao Palocci pela sensibilidade, pelo coração grande que ele tem em atender a todos vocês.

Muito obrigado.